

ENTREVISTA

PROMOVENDO OS EMBATES NECESSÁRIOS, SEM MEDO E COM CORAGEM: RENATO FREITAS E SUA LUTA CONTRA O RACISMO

Matteus Henrique de Oliveira¹

Notas introdutórias

1. Renato Freitas é, atualmente, Deputado Estadual pelo Estado do Paraná. Bacharel e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Paraná, Renato também foi Vereador pela Cidade de Curitiba, entre 2021 e 2022. Durante sua trajetória de vida, sobretudo como pessoa pública, foi protagonista de diversos enfrentamentos no âmbito da política institucional e nos espaços de poder.
2. Oriundo da periferia, com inúmeras vivências do universo tido como subversivo, Renato vê sua trajetória atravessada pelo racismo. Entretanto, a despeito das inúmeras tentativas de silenciá-lo, Renato mantém-se firme em sua atuação política aguerrida e intransigente na defesa do que acredita. Marcada por fervorosos embates, seja com autoridades políticas ou policiais, a vida de Renato é um capítulo à parte na história paranaense, caracterizada sobremaneira por personagens brancos e europeus.
3. Sua coragem e determinação para lutar contra tudo e todos que se mostrem contrários à sua permanência nos espaços públicos de poder, coloca Renato como um dos personagens mais emblemáticos da política brasileira, mesmo ainda sendo “apenas” um Deputado Estadual.
4. Nesta entrevista para a **Revista NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses), concedida por ele em seu gabinete na ALEP, abordará temas que dialogam com sua trajetória política e os enfrentamentos promovidos até hoje em sua luta por justiça e igualdade para a população negra brasileira. Também, Renato apontará suas principais percepções, como agente político, sobre a

¹ Mestre em Direito pela Universidade de Brasília e doutorando em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nas eleições de 2024 foi candidato a vereador na Cidade de Curitiba. Atualmente, é primeiro suplente do PT na Câmara Municipal de Curitiba. Contato: matteus.henrique.oliveira@gmail.com

realidade de hoje e quais os grandes desafios desse tempo para concretizar a justiça racial na política em nosso país.

Matteus Henrique: Estamos fazendo um dossiê para a **Revista NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses) sobre negritude, racismo e política, com a participação de figuras negras que se envolveram recentemente na política. Você, a deputada Carol Dartora e a vereadora Giorgia Prates, que são parlamentares, mas também eu, que fui candidato nas eleições de 2024, e tantas outras figuras negras que têm se lançado na política institucional nas últimas eleições. Então vamos conversar um pouquinho da sua vivência, das suas experiências na política, e como você enxerga a questão da relação entre racismo e política no Brasil, mas principalmente aqui no estado do Paraná. Para começar, como você avalia a presença e a representatividade de pessoas negras na política no nosso país e quais os principais desafios que você acha que são enfrentados por nós, pessoas negras, que nos colocamos para a disputa desses espaços de poder, principalmente no meio da política hoje no Brasil?

Renato Freitas: *Dois momentos: importância e desafios. A importância da nossa presença enquanto pessoas negras nos ambientes políticos, que são ambientes de poder, portanto de decisão, é justamente o de resistir a uma política tradicional, oficial, de continuidade, de um processo de exploração e espoliação que se dá da escravidão, desde que a primeira pessoa negra veio forçadamente ao Brasil, até os dias de hoje.*

É um processo que nos diminui objetivamente, que retira nosso tempo de vida para gerar lucro para outras pessoas, mas também que nos violenta subjetivamente, no sentido que se constrói, enquanto virtude, brilhantismo, esforço e tudo aquilo que eles chamam de meritocracia, vinculando sempre as figuras ricas, portanto, no Brasil, brancas.

E por outro lado, aqueles que não têm essas virtudes, que não têm esses esforços, essa inteligência, essa criatividade, etc., não têm mérito, merecendo, portanto, a pobreza, a miséria. E lá estamos, invariavelmente, nós pessoas negras.

Essa é a importância. A cabeça pensa onde o pé pisa. Nossa caminhada faz a gente refletir sobre esse engodo ideológico que é o racismo e promover uma política, ou seja, decisões, ou interferir nas decisões, para que isso seja levado em conta. O desafio é justamente o mesmo desafio que tinham os negros escravizados, os negros “fujões”.

Desafio é o de não ser recapturado, de não ser criminalizado, de não ser violentado e, infelizmente, até assassinado, como foi o caso da Marielle Franco. Então o desafio ainda é o de sobrevivência.

Matteus Henrique: Te acompanho desde antes de você ser vereador e sei que passou, e tem passado, por episódios de materialização do racismo institucional e estrutural. Desde quando vereador, quando quase perdeu seu mandato por uma atitude arbitrária da Mesa Diretora da Câmara de Vereadores, bem como aqui na Assembleia Legislativa, por ter enfrentado algumas das lideranças mais longevas da casa. Quero que você fale um pouco disso, de como você lidou com essas experiências, e como elas influenciaram na tua formação como agente político.

Renato Freitas: *O racismo foi o grande cartão de visita que eu recebi dos agentes políticos do Paraná, de Curitiba, da Câmara dos Vereadores. Um exemplo acho que é muito emblemático. Eu estava, depois de ter sido eleito, mas ainda não empossado, estava na manifestação, ali na praça Santos Andrade, pela vacina, já que ainda não havia vacina. O governador não queria comprar, etc.*

Estava com a cúpula do Partido dos Trabalhadores. Chegou um político importante no Estado do Paraná. O pessoal da direção do Partido foi cumprimentando em fila e eu também fui cumprimentá-lo. E na hora de me cumprimentar, ele, ao invés de estender a mão, retirou a carteira do bolso, pegou cinco reais e me deu. Eu peguei aqueles cinco reais, não entendi muito bem, e ele falou: isso é para você cortar o seu cabelo. E começou dar risada.

Algumas pessoas começaram a rir e outras só ficaram omissas. Logo atrás, estava um parlamentar branco, que também, por um bom tempo, teve cabelos longos. E ele olhou e falou: e você como faz para estar cada dia mais bonito desse jeito? Falando para esse parlamentar branco, que é um homem loiro, de olhos verdes.

E aquilo me deixou um pouco, eu não digo abalado, mas foi um cartão de visita. Aquilo me mostrou onde eu estava pisando. Porque eu estava no território da esquerda, progressista, e fui ridicularizado, humilhado, em uma atitude de racismo recreativo. E nem os políticos que estavam ali, nem a direção do meu partido, se incomodaram com aquilo.

Então foi um aviso.

Logo depois, eu fui empossado e na primeira semana eu tive uma discussão com a bancada evangélica. Logo depois disso fiz um vídeo, e nesse vídeo falei vários pontos. Um desses pontos foi a hipocrisia daqueles que queriam a ivermectina como remédio suficiente para a pandemia

do coronavírus, sendo que não é comprovado. E um dos pontos era o caso de racismo que citei agora. Falei que não tinha medo de coronel de direita, nem coronel de esquerda, e que a minha vontade era dar um soco no queixo dele, mas que na hora fiquei desarmado, porque não esperava que aquilo acontecesse e me vi em um território hostil, sozinho.

Na outra sessão, isso no primeiro mês de mandato, um dos vereadores proeminentes na Câmara Municipal veio até mim na sessão e falou: nossa, Renato, você mal entrou e já debateu com a bancada evangélica e eu vi lá seu vídeo. Você fala mesmo. Eu respondi: falo, não tenho medo de ninguém não, quando eu tiver pelo certo, pelo justo, pelo correto, eu não tenho medo. Então ele falou: mas você fez aquela live, você tinha firmado pulso, você tinha tomado umas? Então eu olhei pra ele, já entendi o que ele estava querendo dizer. Não falei que sim, nem que não, só para dar corda para ele. Então ele falou: e aqui, na Câmara, você toma umas? Traz para a sessão? Então eu respondi: eu não sou o bêbado que você vê na minha figura, pelo seu racismo. Então ele ficou desconcertado e disse: não, eu também bebo, todo mundo bebe, só estou perguntando.

Então isso me marcou profundamente, já naquele primeiro momento. Recebi um ataque racista de um político importante, respondi ele e por responder alguém poderoso, no outro dia alguém achou que eu devia estar bêbado para fazer aquilo, sob efeito de alguma droga. E não contente, pensando que poderia extrair algo de mim, perguntou se eu iria bêbado para as sessões ou se eu levava bebida para o meu gabinete. Isso foi meu primeiro contato com a política e já foi uma luta racial. Sinistro.

Matteus Henrique: Quando começamos a entrar nesses ambientes, quando olhamos, principalmente, para o Paraná, que é um estado com histórico extremamente problemático do ponto de vista racial, são poucas as referências que acabamos tendo de figuras que, aqui no estado, na cidade de Curitiba, do ponto de vista de construção política, conseguiram aparecer, ter visibilidade, ascender no poder e na política local. Já hoje, temos algumas figuras que começam, ainda que muito tarde, a abrir um caminho um pouco mais largo. Você, a Carol Dartora, a Giorgia Prates, para citar as pessoas negras com mandato. A parte boa é conseguir quebrar essa barreira, mas também há a parte do enfrentamento. Quero também te ouvir como, para você, é esse processo, de muitas vezes ter de estar abrindo um caminho. Te ouvir sobre esse processo histórico e como você se insere, como parlamentar.

Renato Freitas: Isso envolve uma questão que é a negritude, o senso de pertencimento, a valorização da luta tradicional, ancestral. A luta pela liberdade, luta pela vida, luta pela justiça, que não começou comigo e nem terminará comigo.

Antes de mim outros vieram, depois de mim, outros virão. Se entender parte desse movimento histórico é se valorizar, regar as próprias raízes. E quando você atua a partir desse prisma, você encontra muita resistência.

E essa resistência que eu encontrei foi desde a Guarda Municipal de Curitiba, nos momentos ainda de campanha eleitoral, abordando, espezinhando, jogando material no chão, me chamando de lixo, dando risada, falando: quem que iria votar em mim, por que eu achava que poderia ser eleito. Tentando me ridicularizar, me desmotivar. Depois, em outro momento, me prenderam.

Outro momento, quando eu estava panfletando na praça, me deram um tiro à queima roupa, de borracha, na barriga, que pegou na minha mão. Me protegi, virei de costas, e também levei outro nas costas. Fui preso, durante a campanha.

Depois de eleito, a Guarda Municipal me prendeu na Praça Rui Barbosa, porque eu estava me defendendo de uma agressão injusta de um bolsonarista. Estava chamando uma manifestação pela vacina, inclusive, na praça Rui Barbosa, e contra o Bolsonaro, e um bolsonarista raivoso veio, me deu chute, tentou me dar um tapa no rosto. Eu estava com megafone na mão, bati com megafone nele e a Guarda Municipal, esperando, como uma atitude planejada dele junto à Guarda, e me prenderam.

A Polícia Militar me prendeu também, depois de Vereador, quando estava jogando basquete em uma praça neste período. Tudo isso tentando me deslegitimar como uma figura pública, política, como representante do povo e querendo “me colocar no meu lugar”. Aquela pessoa que tem que apanhar da polícia, que tem que ser presa independentemente e que tem que ficar quieta porque “esse é o lugar dela”.

Foi muito difícil me impor e fazer eles me respeitarem, inclusive dentro da Câmara dos Vereadores, porque não havia nenhum parlamentar negro, acho que com exceção do Herivelto. Mas como ele era uma pessoa que tinha vindo de cima, da Rede Globo, os círculos de convivência dele eram de pessoas brancas.

Ele estava, inclusive, salvo engano, fazendo uma especialização de reportagem que é a biografia de uma figura alemã, proeminente financeiramente aqui no Estado do Paraná. Então ele não tinha essa preocupação e nem essa negritude, esse senso de pertencimento, por isso

não encontrava tanta resistência. Já eu, tinha e encontrei da Guarda, das forças de segurança, mas logo depois, do Prefeito.

Prefeito que queria criminalizar a entrega de marmitas para as pessoas em situação de rua, que durante a pandemia se multiplicou e que afetava justamente as pessoas negras, em grande maioria, por uma série de questões históricas que sabemos quais são, e eu me opus a esse projeto e já ganhei a inimizade do Prefeito.

Então essa foi a resistência de parlamentar que desembocou lá na frente quando eu fiz aquela manifestação, eu e tantas outras pessoas do movimento negro, fizemos aquela manifestação depois da morte do Moise e o MBL editou, falsificou, mentiu e disse que nós tínhamos entrado dentro de uma igreja.

Nos intimidaram a ponto de outros parlamentares não terem dito que entraram na igreja. Tanto aqueles que queriam ser parlamentares, quanto aqueles que de fato já eram. Entrou também o setorial negro do PT e entraram outras pessoas da associação de africanos em Curitiba. Então a força que se construiu nessa fake news foi tamanha que as pessoas se retiraram também. Não todas, mas muitas delas, retiraram o time de campo e não assumiram que entraram na igreja, porque as consequências poderiam ser as piores.

E para mim foram os piores mesmo, porque desde do próprio Bolsonaro, que era o Presidente à época, até o Prefeito, passando pelo Governador, que disse que foi um dos atos mais violentos que ele presenciou na história do Paraná, ou seja, não tem menor noção do que estava falando. Eu estava lá denunciando uma violência e ele falou que a denúncia que eu estava fazendo da violência era a mais violenta que ele conhecia. Depois pastores, parlamentares da extrema direita e grupos desse tipo, e de repente algumas pessoas de academia, de artes marciais, começaram a me mandar algumas ameaças.

Na rua, fui ameaçado por alguns professores. Eu poderia muito bem ter sido agredido, poderia ter sido linchado. O próprio partido, formado por pessoas brancas em suas direções, nacional, municipal e estadual. Não coincidentemente pessoas com sobrenomes italianos e alemães, representando as direções municipal, estadual e nacional. E as três acordaram numa nota pública que dizia que eu fui imaturo, que eu devia desculpas à igreja, à sociedade de Curitiba e inclusive ao PT, que por sua vez, segundo eles e segundo aquela nota, não tinha nada a ver com a manifestação, sendo que entrou o setorial negro e uma parlamentar negra. Então apagando a nossa história e me criminalizando.

Para mim foi um golpe muito pesado. E depois subiu para o STF, as coisas foram comprovadas, o padre veio ao meu favor, o bispo veio a meu favor, fui ver o Papa na Itália, na cidade de

Assis, em um encontro. Então toda a Igreja municipal, estadual, nacional e internacional. A igreja do Ocidente, que é a Igreja Católica Apostólica Romana, ficou ao meu lado, então isso envergonhou e constrangeu um pouco o Partido dos Trabalhadores, nas suas direções, mas não na base, porque a base ficou ao meu lado, mas as direções sim.

E constrangeu também a Câmara dos Vereadores. Eu retomei o meu mandato e os quatro que me cassaram nenhum deles foi reeleito. Ou seja, o povo deu a resposta a eles, que aquela cassação do meu mandato era injusta. E a própria comunidade evangélica, que eles pertenciam, deu esse recado a eles. Apenas um foi reeleito, e está respondendo processo, talvez vá ser até preso por desvio de verba na construção de um hospital de campanha lá no Rio de Janeiro.

A história me absolveu e condenou cada um deles, mas foram resistências, junto com as forças de segurança pública, muito grandes que eu tive ao exercício do meu mandato, tanto que meu mandato foi interrompido.

Matteus Henrique: Como você enxerga o impacto do racismo nas comunidades que você representa e quais as políticas públicas você acredita que poderiam chegar nessas comunidades e que muitas vezes não chegam justamente por conta do racismo?

Renato Freitas: *Uma das coisas mais violentas que eu percebo na dimensão subjetiva é justamente a ideologia de meritocracia que não leva em conta o principal, que é a história. Pra você saber o mérito de alguém na conquista de algum objetivo, é como se você tivesse vendo uma corrida de cem metros livres. Da onde a pessoa saiu e aonde ela chegou, em quanto tempo e as condições de treinamento, da pista, de saúde, etc.*

Nós saímos de uma realidade de escravização, de desumanidade absoluta. Não éramos vistos nem como seres humanos. Nos apinharam em cadeias, nas favelas, nas senzalas modernas. Não nos deram condição de estudo, não nos deram condição de ocupar espaços de poder, sejam eles da política ou da formação do saber. Ou, principalmente, da produção da economia. Não somos nós os proprietários dos meios de produção e nem do capital financeiro.

*Muito pelo contrário, são os herdeiros dos senhores de escravos, como é, por exemplo, o diretor do filme *Ainda Estou Aqui*, cuja família era de escravocratas, o Walter Salles. Ou seja, a gente, nessa corrida de cem metros, a gente saiu dez metros para trás e eles que chegaram aqui, em 1890, justamente logo depois do processo forçado de abolição, digo forçado porque*

foi também uma pressão internacional e uma pressão interna dos movimentos e dos levantes da luta e da resistência negra, eles chegaram e receberam terras absolutamente gratuitas. Eles tiveram uma riqueza, eles chegaram milionários no capital simbólico, porque a imagem deles apenas representava o Brasil do futuro, o Brasil que o Brasil queria ser oficialmente, no embranquecimento. Então a língua deles era venerada, a história deles era venerada, a aparência deles era venerada. Ganharam terras e foram colocados nos melhores postos de trabalho. Saíram na frente nessa corrida de cem metros. Eles saíram dez metros de distância, apenas do ponto de chegada.

Ou seja, não houve meritocracia alguma, mas a ideologia atual diz que todas essas pessoas só conquistaram porque têm méritos, ou seja, jogou no nosso povo o peso da exclusão, da pobreza, da falta de educação formal, da espoliação constante e o nosso povo anda pelas ruas arcado, curvado e sequer se encoraja para olhar nos olhos do opressor.

A baixo-estima é tamanha que ao se olhar no espelho nas urnas, joga uma pedra no espelho e continua votando no inimigo, naquele que é exatamente o seu oposto, como aparência, como trajetória e como proposta política. Então hoje, se você fizer uma pesquisa, mesmo nas comunidades onde as pessoas não têm direito à moradia adequada, terrenos irregulares, estreitos, janela com janela, e perguntar se as pessoas são favoráveis a uma reforma agrária popular e radical, de divisão de terras, não.

E obviamente não culpo o nosso povo, eu culpo os meios de formação de opinião, os jornais, todos, sem exceção, grandes famílias brancas, a mídia televisiva, as nossas aqui do estado, Carlos Massa, RPC TV, na mão de famílias brancas milionárias da Opus Dei, do setor mais conservador da igreja, que ainda hoje acha que a igreja estava certa em dizer que a gente não tinha alma. Os rádios, os comerciantes de bairros, mesmo nas comunidades mais pobres o dono do mercadinho é um branco, porque Curitiba foi formada a partir da imigração de poloneses, ucranianos, italianos e alemães.

Entre eles, todas as oportunidades melhores foram distribuídas, inclusive essas dos comerciantes. Então todos aqueles que exercem alguma influência no nosso povo, seja como patrão, seja como televisão, seja como os donos das grandes igrejas, como a Igreja Universal do Reino de Deus, para citar um grande exemplo, são pessoas brancas.

Então é uma guerra constante para que a gente não tenha autoestima, não se veja como protagonista e por isso a gente acaba não tendo políticas adequadas para o nosso povo, porque exige do nosso povo que para se adequar, tem que pensar com a cabeça deles. Então a gente fica pra trás.

Mas é um movimento que aos poucos está mudando. Eu acho que essa geração de parlamentares negros tem, além de outras coisas, essa responsabilidade.

Matteus Henrique: Sobre essa mudança que você fala, começamos de fato a vivenciar algumas alterações nesses últimos processos eleitorais. Você acredita que essa eleição, esse maior número de pessoas negras que tem tantos sido eleitos, como também se colocado nos processos eleitorais em disputa, tem transformado essa estrutura de poder no Brasil? Confesso que eu mesmo ainda tenho dúvidas se transforma ou ainda estamos tentando derrubar um muro que está firme. Alguns conseguem pular, outros ainda ficam nessa tentativa. E quais as estratégias que você particularmente utiliza para conseguir sobrepor essa fortaleza e marcar essa presença enquanto uma pessoa negra nesse espaço?

Renato Freitas: *Tem uma abolicionista, mulher, muito famosa, que dizia o seguinte: libertou tantos escravos, mas poderia ter libertado cem vezes mais se eles soubessem que eram escravos².*

Digo isso porque não é suficiente a gente colocar pessoas negras em postos de comando, de decisão. Não é suficiente. Isso Bolsonaro também fez, colocando aquele Sérgio na Fundação Palmares, elegendo como deputado federal o Hélio Negão, indicando um negro para o STF, se colocando como alguém que convive com pessoas negras, porque estavam ali ao lado dele pessoas negras que não têm nenhuma negritude, nem querem ter. Tem relação apenas com seus interesses próprios.

Traidores, portanto.

Os traidores não são poucos. Ou por vontade, por cobiça, ambição, por fraqueza ou por ignorância muitas vezes. Não conhecem absolutamente nada da história, não sabem o papel que devem exercer. Não têm vínculo, portanto, com a negritude, como suas próprias raízes. E quando chegam em um lugar de poder, fazem apenas o que o branco manda. Negros da casa, dizia nos Estados Unidos, os escravos domésticos, que tendem ser mais amigos do patrão, para comer uma comida melhor, dormirem num lugar melhor, ter uma condição melhor que os negros do campo, que os outros negros.

² Essa frase é atribuída à abolicionista Harriet Tubman, que nasceu em Maryland, por volta de 1820. Em 1849, conseguiu sua liberdade e foi morar no estado da Filadélfia. Junto a outros abolicionistas criou rotas de fugas para escravos, sendo considerada criminosa pelos tribunais americanos. Harriet comandou missões em seu estado natal para libertar entre 60 e 70 escravos, muitos deles parentes e amigos, ela mesma se encarregava de soltar os cativos e ajuda-los a fugir de seus grilhões. Tubman, em sua vida, “nunca perdeu nenhum passageiro”, o que lhe rendeu o título de “a mais hábil condutora” das Rotas Subterrâneas (rotas de fugas).

Malcolm X fazia muito essa distinção, que serve muito para nós, sobretudo hoje, em que a gente vê a própria direita se utilizando dessa pauta. Se olharmos as propagandas eleitorais do União Brasil, vai ver que muitas delas têm mais pessoas negras que propagandas do PT. Isso quer dizer alguma coisa? Absolutamente nada, em termos de conquista para a comunidade negra. Então o primeiro ponto é esse.

Se a aparência e a essência fossem uma coisa só, não seria necessário ciência, nem as ciências sociais. Então tem que ser negro e ter negrite. Uma vez ocorrendo essa junção, é possível quebrar muros. Mesmo que isoladamente nesses lugares, porque quando esses lugares são obrigados a expelir, a expulsar, caçar, perseguir, interditar as lideranças negras, já houve ali um movimento histórico de vitória, porque a próxima geração vai ver como opressão o que não pode ser escamoteado. Você vai lá e fala para um negro defender publicamente que não é necessário a reforma agrária, ele se nega, e diz “não, nosso povo a partir da lei de terras foi jogado às ruas”.

Teve a lei da vagabundagem, da vadiagem, da capoeiragem, não tivemos terrenos, fomos morar em favelas, outros tiveram que voltar para as mesmas fazendas em condições análogas à escravidão.

Portanto, não houve divisão das terras, nem indenização de todo o tempo, séculos, que trabalhamos gratuitamente. Então é necessário.

Dai alguém vai lá, expulsa essa pessoa do partido, ou de qualquer associação ou de qualquer espaço de poder, toda a comunidade negra vai estar olhando e vai aprender que aquela luta é uma luta nossa, porque o homem branco não quer que a gente fale isso. Agora, se a pessoa negra vai lá e fala: “é, realmente não precisamos de reforma agrária, oportunidade para todos, é só se esforçar”, ele vai continuar. A opressão é a mesma, só que a vitória só está de um lado, naquele que lutou e foi expulso.

Essa é um pouco da minha filosofia, da minha atuação política também. Eu forço as lutas que são legítimas, radicais e verdadeiras para o nosso povo, nem que isso custe o meu mandato. “Se você perder o seu mandato, você vai estar enfraquecendo a luta, porque vamos estar perdendo um soldado”. Não, pelo contrário. Eu vou estar me alistando na luta permanentemente, porque a história já vai estar escrita.

Agora, se eu conciliar com eles para não falar o que eu devo falar ou não fazer o que eu devo fazer, então eu já perdi, porque vou estar sendo apagado da história. Nenhuma contribuição minha vai ter sido relevante, a ponto de eu ter me aliado aos coronéis. Exatamente isso:

levando até às últimas consequências aquilo que a gente acredita e necessita para o nosso povo.

Matteus Henrique: Tivemos nessas últimas eleições as cotas raciais dentro das chapas proporcionais. Como você enxerga o impacto disso e como elas podem ser melhor implementadas? A gente sabe que hoje, por exemplo, têm várias ações judiciais que já questionam a questão das cotas de gênero, com chapas sendo cassadas no país inteiro, mas não vemos esse mesmo movimento acontecendo em relação às cotas raciais. Não sabemos se de fato as chapas nas eleições passadas, por exemplo, cumpriram à risca as cotas raciais dentro dos partidos. Eu duvido, inclusive. Como você enxerga esse movimento?

Renato Freitas: *Eu vejo duas coisas positivas e uma negativa nisso tudo. A primeira: chegou dinheiro para pessoas que nunca receberiam, e isso fez com que mais lideranças negras fossem eleitas, porque sem dinheiro de fato não se faz campanha. Um panfleto e alguém para panfletar, ou seja, a estrutura mínima para você comunicar que você está concorrendo ao pleito eleitoral, já custa bastante. Passagem, almoço, se for outra pessoa que não for voluntária, diária. Se for feito panfleto, design. Envolve gráfica, impressão. Dinheiro. Sem dinheiro, sem campanha. Agora, esse é o ponto positivo, muitas pessoas foram eleitas.*

O outro ponto positivo é que a máscara caiu, dos partidos de modo geral. Olha, nós do Partido dos Trabalhadores somos oposição, por exemplo, ao Democratas, ao União Brasil, até ao PSD do Ratinho, ao PL do Bolsonaro, ao PP. Mas quando foi para perdoar a multa que a justiça eleitoral impôs a esses partidos, e ao nosso partido, o PT, porque descumpriu a cota, ou seja, o dinheiro que devia ser direcionado a pessoas negras e que não foi, foi para pessoas brancas, ou seja, dinheiro que eles, brancos, de esquerda, nos roubaram, e por isso foram multados pela justiça eleitoral, quando isso ocorreu, a presidente do PT, representando o Partido dos Trabalhadores, foi e se aliou às lideranças do União Brasil, PP, PL e tantos outros partidos de direita, para aprovar um projeto de anistia para eles próprios em relação ao que eles, de nós roubaram. A máscara caiu.

O pacto da branquitude é isso. É na hora da divisão das riquezas. Não é mero discurso para enfeitar ou para se mostrar como liderança, militância, na internet. O pacto da branquitude de fato está aí, na distribuição das riquezas que à sociedade pertence, mas que nós negros não usufruímos. E quando a possibilidade existe, a gente é sabotado.

Nesse caso, infelizmente, muitas pessoas negras assinaram isso. Por quê? Pelo motivo que eu disse agora há pouco. Os negros da casa, que estão embaixo das asas da branquitude e os negros fujões, do campo, revoltados, que quanto mais são açoitados, mais rebeldes ficam. Isso é um dado positivo, porque quando a máscara cai, a gente enxerga o inimigo, dos dois lados, inclusive.

E o terceiro ponto, eu falei com um ponto negativo, mas é um ponto polêmico, na verdade, que é o seguinte. Quando se submete a política de cotas para reparar historicamente a comunidade negra, você faz nada menos que a justiça. Já que nós e nossos ancestrais não fomos indenizados. No mínimo, não digo nem só pelo racismo simbólico, do dia a dia, estou dizendo objetivamente, o racismo objetivo que foi utilizar seres humanos como animais de tração para gerar lucro, riqueza, para construir um país.

Outros grupos começaram a pegar carona nisso e para nós isso não é bom, a meu ver. Mas é claro que as pessoas devem ser amadas e compreendidas como todas as outras. Porque as cotas são legítimas a nós, a princípio.

Nós não somos uma identidade, nós somos uma raça, mesmo que a raça tenha sido desconstruída do ponto de vista biológico, ela se manteve e sempre vai se manter, sempre não, mas ela se manteve e se mantém do ponto de vista histórico, sociocultural.

De qual raça ele é? Ele é japonês, asiático, africano, afro-brasileiro, indígena, europeu. Isso ainda é normal. As pessoas entendem, compreendem e utilizam esse termo para explicar a realidade. Então isso não é uma mera identidade. Qual identidade ele é? Ele é negro. Qual a identidade ele é? Ele se identifica como cisgênero. Qual identidade ele é? A identidade é um fenômeno dos gêneros e dessa coisa líquida dos gêneros, fluída dos gêneros, em que cada dia aparece uma identidade nova. Sem problema algum, meu respeito absoluto.

Agora, equiparar cada gaveta, que cada dia surge, e nos colocar como uma gaveta a mais, isso é de uma violência muito grande com a comunidade negra, e isso também é de um oportunismo muito grande com a comunidade negra e que tem ocorrido nessa política de cotas e que eu estou atento.

Matteus Henrique: Para terminar, duas perguntas finais. Você chegou a pincelar um pouco, mas como somos da área do Direito, acho que vale a pena a gente abordar de forma específica o Poder Judiciário. Porque, querendo ou não, ele exerce um poder muito grande, para bem ou para mal. Temos várias decisões, inclusive históricas, que foram tomadas e nos auxiliaram do ponto de vista, pelo menos um pouquinho, a retomar um processo de redução de desigualdades.

Mas ainda assim, principalmente quando a gente olha para o estado do Paraná, o Poder Judiciário ainda é usado como uma máquina de perpetuação dessas desigualdades. Queria ouvir como você enxerga esse papel do Judiciário em auxiliar na redução das desigualdades na política. Quando a gente vê o próprio debate das cotas de gênero, eu enxergo o Judiciário ativamente numa tentativa de punir aqueles agentes que hoje violam de alguma forma, o mínimo exigido de mulheres participando de espaços de poder. Mas não vejo o Judiciário tendo essa mesma postura enfática e de acompanhamento, de punição a casos de racismo nos parlamentos pelo Brasil afora.

Renato Freitas: *Com certeza, é só você ver o tanto de mulheres, a porcentagem de mulheres no sistema judiciário e a porcentagem de pessoas negras. A sociedade de modo geral é escalonada como homem branco/mulher branca, depois vêm as pessoas negras, inclusive em média um homem negro, e olha que nós estamos falando de uma sociedade realmente patriarcal e machista, mas ainda assim o homem negro recebe, em média, menos do que a mulher branca.*

O homem negro, e eu não estou nem falando da mulher negra, que ainda recebe menos. O homem negro e a mulher negra também, obviamente, estão sub representados no sistema judiciário.

Mas a mulher de um modo geral também? Sim, mas o número de mulheres juízas é significativo. É normal você ir a uma audiência e a juíza ser mulher. Eu mesmo já fui a várias. Agora, infelizmente, não é normal você ir a uma audiência e o juiz ser negro ou a juíza ser negra. Então a dimensão racial desse problema ela é sempre algo determinante. Não a de gênero, mas a racial. Mas a de gênero também? Sim, concorre. É uma das determinações, mas não é a determinante, o que é diferente.

E nesse sentido, para as mulheres existe a possibilidade de um Judiciário mais democrático e aberto. Assim como aqui na Assembleia. Tem uma bancada de mulheres, que se reuniram e conduziram a CCJ³ na última reunião. Quantas delas eram negras? Nenhuma, absolutamente nenhuma. Então essa dezena, essa dúzia de mulheres aqui, não falam, não sabem, não querem que seus privilégios acabem, porque elas são filhas dos coronéis de sempre.

O Judiciário, nesse sentido, ele é mais parte do problema do que da solução. O Judiciário se configura em redes de nepotismo, que eles dão nome de mérito, de meritocracia, para esconder a história que constitui a própria instituição do Judiciário.

³ Comissão de Constituição e Justiça.

E, nesse sentido, deles, acredito eu, nunca virá a nossa emancipação. Deverá ser uma conquista, debaixo para cima. Eles fazem parte de uma nobreza de Estado que tão longe de nós estão que não conseguem minimamente nos entender. Nem para nos ajudar, muito menos para nos julgar, que é o que eles mais fazem. Inclusive as penas para nós são mais rigorosas. O martelo para nós sempre foi mais pesado.

Matteus Henrique: Para terminar, quero te ouvir sobre o que te move. O que você imagina que mais te dá motivação. Com todo esse contexto que a gente conversou, o que efetivamente te move, te dá vontade de continuar? E se tiver algum recado que acha importante deixar no final dessa entrevista, pode ficar à vontade.

Renato Freitas: *O que mais me move é saber que antes de mim outros vieram, depois de mim outros virão. Portanto, minha luta não será em vão e que as nossas vitórias, de alguma forma, irão redimir o nosso passado. Vão dar um enterro justo aos nossos ancestrais. Vão ressuscitá-los nos livros de história. Vão fazer, principalmente, com que a luta deles não tenha sido em vão.*

Esse é o tesouro que a gente consegue passar de geração em geração. E isso me felicita, em ser um gomo corrente. De ser mais um nessa trincheira, que é uma trincheira, no Brasil, de pelo menos 450 anos.

Notas complementares

1. Renato recebeu-nos em uma tarde ensolarada, em seu gabinete na Assembleia Legislativa do Paraná. A conversa durou pouco mais de uma hora e meia, sem nenhuma restrição de temas ou questões pré-autorizadas pelo parlamentar.
2. Por ser filiado ao mesmo partido do entrevistado, bem como por já ter sido candidato ao legislativo municipal de Curitiba, nas eleições de 2024, compartilhou muitas experiências com Renato, sobretudo em relação às dificuldades, o âmbito partidário, para o pleno exercício daquilo que costumamos chamar de igualdade racial.

3. Compreendo, embora Renato não faça essa afirmação durante o curso da entrevista, que a sua participação na vida política paranaense abriu um caminho incomensurável para todas as lideranças negras que trilharão o caminho da política institucional, nos permitindo visualizar caminhos possíveis e as resistências que enfrentaremos no âmbito público.

Recebido em: 2 maio 2025.

Aceito em: 20 maio 2025.